

Anselmo Lorenzo e a tensão indivíduo e sociedade: Uma perspectiva anarquista

Vitor Ahagon¹

RESUMO

O presente artigo busca apresentar a perspectiva anarquista da relação entre indivíduo e sociedade, questão cara às ciências humanas já há bastante tempo, através da apresentação e análise crítica do texto *Individuo y coletividad* do militante anarquista Anselmo Lorenzo publicada na *Revista Blanca*, periódico que circulou na primeira metade do século XX. Para o autor tal relação se torna fundamental quando discutimos a construção de uma visão de mundo autônoma em relação ao Estado Nação e a Igreja, duas noções abstratas e absolutas que excluem e impedem o desenvolvimento das singularidades individuais e culturais.

Palavras Chave: Indivíduo, Sociedade, Anarquismo.

ABSTRACT

This article aims to present the anarchist perspective of the relation between individual and society, important issue for the Science Humanities, through the presentation and critical analysis of the text *Individuo y coletividad* of the militant anarchist Anselmo Lorenzo published in *Revista Blanca*, journal circulated on first half of the twentieth century. To the author this relationship becomes crucial when we discuss the construction of a worldview autonomous from the Nation State and the Church, two notions abstract and absolute that exclude and prevent the development of individual and cultural uniqueness.

Key-words: Individual, Society, Anarchism.

¹ Integrante da Biblioteca Terra Livre, dos grupos de estudos de Anarquismo e Educação e de Pensadores Anarquistas e mestrando em História Social pela USP.

O Proletário Militante

A vida de Anselmo Lorenzo (1841-1914), antigo anarquista espanhol, também conhecido como o “avô do anarquismo espanhol” e um dos fundadores da primeira sessão da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT) na Espanha, confunde-se com parte da história do movimento anarquista e operário da Espanha, seu contato com a luta operária deu-se, a princípio, em meio à republicanos radicais, no entanto logo estabelece relação com a fração militante federalista ou, como se autoproclamavam, antiautoritária da Internacional, radicalizando sua postura política em direção ao anarquismo. É nesse contexto que conhece o italiano Giuseppe Fanelli, internacionalista coletivista que, a pedido de Mikhail Bakunin, se dirige à Espanha para fundar a primeira sessão da Internacional daquela região.

Após esse intenso momento, Lorenzo irá participar de quase todas as iniciativas de organizações de resistência, inclusive quando da fundação em 1881 da Federación de Tabajadores de la Región Española (FTRE). Durante sua militância, passa por diversas prisões e deportações, sendo que numa dessas ocasiões acaba por conhecer Fernando Tarrida de Mármol, Teresa Claramunt, Juan Montseny, Pedro Corominas e José López Montenegro, companheiros anarquistas que comporão o conselho editorial da Revista anarquista Blanca anos mais tarde. Quando de seu exílio em Paris, estabelece contato com Sebastien Faure, Charles Albert, Jean Grave e Jean Jaurés, foi justamente nesta ocasião que conhece o pedagogo anarquista Francisco Ferrer y Guardia, fundador da *Escola Moderna*, projeto pedagógico que se espalhará pelo mundo inteiro, principalmente, através do movimento operário revolucionário internacional dos primeiros anos do século XX². “Ferrer tinha um projeto educativo com o qual Anselmo Lorenzo estava completamente de acordo. Assim, em setembro de 1901 Ferrer funda em Barcelona a ‘Escola Moderna’, cujo editorial colaborou seja através de artigos para o boletim ou traduzindo textos para a editora da Escola Moderna de autores anarquistas tais como Reclus, (traduzindo sua grande obra O Homem e a Terra), Piotr Kropotkin, Pouget, etc.”(FUNDACIÓN ANSELMO LORENZO, s/d).

Em 1910, Anselmo Lorenzo também irá participar da fundação do que foi a maior organização sindical anarquista da história da Espanha, a Confederación Nacional del Trabajo (CNT). Este sindicato será de fundamental importância para a organização

² No Brasil tivemos diversas iniciativas seguindo os pressupostos pedagógicos da Escola Moderna. Duas experiências que são dignas de nota foram as Escolas Modernas nº 1 e nº 2, sendo João Penteadó e Adelino de Pinho os professores de tais escolas, respectivamente.

dos trabalhadores nas duas décadas seguintes, principalmente quando da Revolução Espanhola de 1936, onde os trabalhadores finalmente buscaram concretizar a propositiva da Primeira Internacional: “A emancipação dos trabalhadores deve ser a obra dos próprios trabalhadores”, não sendo tarefa de qualquer tipo de vanguarda, seja ela intelectual, partidária ou nacional. No congresso de fundação da CNT, Anselmo Lorenzo, no alto de seus 69 anos, dirá: “Ante vós o livro da história apresenta uma página em branco, preparem-se para preenchê-la de futuro.” Anselmo Lorenzo faleceu no ano de 1914, mas não sem deixar de colaborar para o desenvolvimento do movimento anarquista internacional e de sua filosofia.

Limites que me estendem ao infinito

Lorenzo escreveu um texto intitulado “Individuo y coletividad” para a Revista Blanca, importante revista anarquista de sua época, em 15 de outubro de 1903. Sua reflexão busca tencionar a relação existente entre o indivíduo e a sociedade desde uma perspectiva anarquista e para isso parte do debate acerca do início das primeiras formações sociais. Sua colocação remete-nos, então, às experiências gregas e da formação da polis como *espacio político* de tomadas de decisões das nascentes cidades. No entanto, o referido autor escolhe trazer para mais perto o debate, refletindo como que as recentes Nações abordam essa problemática. Diz ele que essas mesmas nações foram incapazes de ao mesmo tempo suprir as necessidades e felicidades do indivíduo sem abdicar do que chamou de a glória nacional.

Outra tentativa de resolução do problema indivíduo-sociedade foi dada pelas religiões, porém estas sendo tão malogradas quanto as Nações. As religiões, e para Anselmo *todas* as religiões, prometeram ao indivíduo felicidades e satisfações que não são possíveis viver sem abrir mão das fadigas e incômodos causados pela sociedade. Nesse sentido, as religiões, utilizando-se desse mecanismo lógico, acirravam muito mais as diferenças entre indivíduo e sociedade, por isso, se o sofrimento é inevitável, já que vivemos em sociedade, todas as religiões “gozam, em maior ou menor escala de um verdadeiro crime de lesa humanidade, daquela frase mística: ‘O mundo é um vale de lágrimas’” (LORENZO, 1903).

Portanto, tanto a nação quanto as religiões, para Anselmo Lorenzo, suprimem as singularidades do indivíduo e da diversidade dos povos – o que podemos entender como *culturas* – em detrimento de algo maior, de uma abstração. Essas características próprias, únicas, peculiares a cada indivíduo ou cultura são uniformizadas frente à

avalanche promovida pela civilização. Nesses esquemas societários, o indivíduo encontra-se submerso ao brilho e a grandiosidade coletiva, ofuscando as particularidades de grupos e indivíduos, relegando à segundo plano a autonomia desses sujeitos sociais.

O apagamento das individualidades e culturas não é fruto, apenas, de um sistema político absolutista. De monarquias à repúblicas democráticas, os indivíduos são escamoteados por um manto de aparências. Imagens de grandiosidades e glórias coletivas encobertam a real miséria e penúria que se encontram a maior parte da população de um dado país. As difíceis condições de trabalhadores não são debitadas nas contas e estatísticas que são exibidas para a comunidade internacional. Por isso uma nação pode ostentar uma exuberante

(...) produção, rico comércio, exército poderoso, solenes e aparatosas instituições políticas para encobrir um proletariado submetido à exploração, (...) resulta disso que uma pequena parte vive em um bom meio enquanto a imensa maioria encontra-se reduzida a um nível inferior, [portanto], o brilho daquela nação será falso para o pensador que julga as nações por fundo de justiça que possa conter sua constituição (LORENZO, 1903).

Para Lorenzo, a relação entre indivíduo e sociedade, ao contrário do que ocorre nas sociedades capitalistas, sejam elas absolutistas ou democráticas, deve ser uma relação de correspondência recíproca, uma vez que “em toda classificação científica, o indivíduo há de ter as características essenciais da espécie, e, para tanto, o homem é o tipo da humanidade” (LORENZO, 1903). Abordagem que para o olhar contemporâneo gera um estranhamento, visto que sua utilização alicerça-se em uma perspectiva científica da realidade. E não apenas de qualquer ciência, mas a das ciências naturais.

Pela leitura de Anselmo Lorenzo, o indivíduo contém em si todos os desenvolvimentos físicos, intelectuais e morais acumulados dentro do processo evolutivo da espécie humana. “A consequência lógica deste princípio é que toda a agrupação humana está constituída de tal maneira que entre a unidade e o conjunto exista perfeita e justa relação; de modo que as condições essenciais da vida e o desenvolvimento físico e moral do indivíduo não seja enfraquecido, em nenhum instante, pela coletividade; muito pelo contrário, que o indivíduo seja como o resumo completo da coletividade”.³ Ao utilizar esse argumento, Lorenzo ancora-se em um ponto de vista muito divulgado em seu tempo, no qual o desenvolvimento individual está estreitamente relacionado ao social em ambitos biológicos e intelectuais. Neste

³ Ibidem.

ponto, a ciência positiva torna-se uma referência sem par ao associar o indivíduo e suas características físicas e cognitivas àquelas que foram desenvolvidas durante o processo evolutivo da espécie humana. Nas palavras do representante mais expressivo do positivismo Augusto Comte:

(...) a evolução geral do espírito humano pode, de resto, ser facilmente verificada hoje, de maneira bem evidente, se bem que indireta, ao considerar-se o desenvolvimento da inteligência individual, sendo o ponto de partida necessariamente o mesmo na educação do indivíduo e na da espécie, as diversas fases principais da primeira devem representar épocas fundamentais da segunda. (COMTE apud GOUVÊA, 2008)

Notamos, portanto, que a relação de tensão entre o indivíduo e o social, ou coletivo, deu-se de forma sensível para esses cientistas. Outro exemplo emblemático desta questão é teoria da recapitulação do cientista Ernest Haeckel. Ao realizar seus estudos morfológicos na área da embriologia, Haeckel pode perceber que a ontogênese recapitulava a filogênese, nas palavras do autor:

(...) em resumo, a repetição condensada das longas séries de formas pelas quais as espécies, ou as espécies ancestrais, passaram desde os períodos primordiais da vida orgânica até os dias atuais. (HAECKEL apud GOUVÊA, 2008)

Como podemos perceber a discussão da relação entre indivíduo e sociedade era intensamente debatida dentro da comunidade científica, e os anarquistas, militantes e cientistas, não deixavam de colocar seus argumentos e pontos de vistas acerca do tema. Não podemos afirmar de maneira categórica que Anselmo Lorenzo leu cientistas tais como Comte ou Haeckel, todavia, podemos afirmar que as discussões acerca da ciência debatida por Kropotkin e Reclus eram muito presentes no interior do movimento anarquista, uma vez que suas obras eram intensamente traduzidas e lidas. Por isso, podemos dizer que a sensibilidade desenvolvida acerca da tensão indivíduo e sociedade sob um viés científico pode ter sido trazida por esses anarquistas na medida em que entendiam que

Se outrora a ciência dedicava-se a estudar os grandes resultados e as grandes somas (as integrais, diria o matemático), hoje ela dedica-se, sobretudo, a estudar os infinitamente pequenos, os indivíduos de que se compõem essas somas, e das quais se acabou por reconhecer a independência e a individualidade, ao mesmo tempo que a sua íntima agregação (Kropotkin, 2001).

Os pontos convergentes e divergentes da perspectiva científica positivista e a apropriação militante anarquista da ciência não é a proposta desse trabalho, no entanto, podemos verificar que os anarquistas dialogavam de maneira vertical com as discussões

que ocorriam no interior da comunidade científica, onde seus interlocutores eram aqueles que estavam à frente dos debates científicos. Mesmo assim, Anselmo Lorenzo, apesar de não possuir titulações acadêmicas e não estar dentro das universidades e da comunidade científica oficial, discutia e imprimia seu próprio olhar sobre essas questões, inclusive na relação indivíduo e sociedade. Por isso, para entendermos a apropriação das ciências naturais realizada à cargo de alguns dos anarquistas, precisamos entender também contra qual visão de mundo esses mesmos anarquistas estavam lutando. Quando observamos alguns desses anarquistas reivindicarem a ciência natural, portanto positiva, como maneira de se enxergar a realidade, devemos considerar que o que buscavam com isso era negar a forma de se enxergar o mundo calcada na religião. Adotar as ciências positivas era tanto adotar um conhecimento alijado de toda mística possível como também adotar uma forma de conhecimento que não compactuasse com os poderes que constituíam a sociedade capitalista – que para Lorenzo significava aderir à visão religiosa de mundo, onde se torna especialmente sensível numa Espanha onde a Igreja Católica possuía tanto o poder ideológico quanto econômico. Fora toda a discussão política, segundo Anselmo Lorenzo, como já vimos, a visão de mundo religiosa, e aqui ele generaliza para todas as religiões, faz com que observemos a relação indivíduo e sociedade de forma equivocada, uma vez que a sociedade capitalista impõe sofrimentos e restrições ao indivíduo.

Nesse sentido, percebemos que a separação da relação indivíduo e sociedade para Anselmo Lorenzo não é possível, pois é através dessa relação que um complementa o outro, ou seja, é através das necessidades, limitações inerentes e naturais, que o indivíduo se constrói e desenvolve-se na sociedade, por outro lado, “a coletividade necessita dos indivíduos não somente para formar número, senão para reunir o conjunto de iniciativas, atividades e inteligências em benefício das unidades e do grupo”. A questão, para ambas as partes, é essencialmente qualitativa, fazendo que indivíduo e sociedade se desenvolvessem mutuamente, inscritos dentro de temporalidades diferentes e diversas.

Anselmo Lorenzo até mesmo cogita se, por abstração, realizássemos a separação de indivíduo e sociedade, dando à um a preferência em relação ao outro. Argumenta que se o indivíduo fosse desligado de todo laço social, fosse isento de toda *responsabilidade coletiva* que possui, ficaria também isento de todo e qualquer direito e benefício que essa mesma coletividade o concede. Assim sendo, o indivíduo fora da sociedade teria de

sobreviver segundo suas próprias forças e inteligência, e como os seres humanos são limitados por natureza, logo “viveria ignorante e miserável ao extremo”.

E se realizássemos a mesma abstração e alijássemos de toda nossa análise a importância do indivíduo dentro dos processos sociais, logo cairíamos no erro do Total e imaginaríamos A Pátria. E contra essa perspectiva, Anselmo Lorenzo nos trás a figura de Bakunin quando de sua fala no Congresso da Paz em Berna no ano de 1868:

Não sou comunista, porque o comunismo concentra e absorve todas as potências da sociedade no Estado. Muito pelo contrário, desejo a abolição do Estado, a extirpação radical do princípio da autoridade e de toda tutela do Estado, que sob o pretexto de civilizar e moralizar os homens os tem até hoje avassalados, oprimidos, explorados e deprimidos (LORENZO, 1903) – *nossa tradução*.

Concordando com o anarquista Bakunin, Anselmo Lorenzo acredita que essa abstração trata o indivíduo como um número, apenas como um simples átomo que vive por e para a vida de uma Totalidade, de um Todo, por conseguinte, de um Estado, de uma Pátria ou de um Deus.

Nesse sentido, tomar o indivíduo pela sociedade é um erro assim como também o é tomar a sociedade pelo indivíduo. Dessa forma, o indivíduo, apesar de todas as capacidades que possui, desde as descobertas mais fantásticas da ciência, como o conhecimento exato da mecânica universal, até as mais belas produções artísticas que vislumbram e fazem mover nossa imaginação, é um indivíduo limitado. Não obstante, essa limitação não é sinônimo de falta de liberdade, muito pelo contrário. É justamente pelo fato de termos uma natureza limitada, enquanto indivíduos, que encontramos a liberdade, uma vez que superamos nossas limitações na associação com o outro. E é dessa livre associação que se gera a solidariedade, elã que une as diversidades dos indivíduos em uma unidade intrinsecamente diversa.

Por conta da livre associação entre indivíduos gera-se, portanto, a solidariedade e é por ela que o “indivíduo se circunscreve a produzir na esfera de sua própria especialidade; por ela se aproveita as observações e os conhecimentos de seus semelhantes contemporâneos e antecessores, através dos séculos e das distâncias; por ela transformam os produtos de suas atividades com os de todos os membros sociais e provêm as múltiplas necessidades de sua existência”. Logo, a limitação do indivíduo longe de ser um impedimento é o que o possibilita ser livre, liberdade essa construída socialmente através de relações solidárias ao longo do tempo (BAKUNIN, 1988).

Assim, Anselmo Lorenzo termina seu texto dizendo:

Na sociedade anarquista, perfeitamente livre, que o progresso promete com promessa iniludível, que a autoridade e o privilégio fazem-se necessários por suas torpezas e abusos, o homem e a mulher, com perfeita e abjurada individualidade, livre antes de tudo pela sua própria consciência, ilustrada pela sabedoria de séculos, adaptada a seu critério individual, sãs por uma higiene pública e privada sem restrição, felizes pela combinação harmônica das condições individuais e das instituições sociais, em perfeito equilíbrio, o natural e o racional, viverão vida íntegra, desenvolvendo todos os órgãos, todas as aptidões, todas as capacidades e todas as paixões (LORENZO, 1903) – *nossa tradução*.

A luz que nos cegam e as trevas que fazem ver

Apesar de ter sido escrito no começo do século XX, o texto de Anselmo Lorenzo nos fornece informações e reflexões muito ricas acerca da relação entre indivíduo e sociedade para os dias de hoje. Quais eram seus limites? Quais foram suas interpretações? Como estabelecer uma relação que não inviabilize a supressão do indivíduo pela sociedade, assim como uma maneira de relacionar de forma não egoica o indivíduo e o meio social? As repostas a que chegou são surpreendentes, mas também nos indicam perspectivas extremamente estranhas ao pensar contemporâneo. Entender o “por que” e o “como” esse discurso foi construído é fundamental, mas isso não serve de justificativa para não realizarmos apontamentos e asserções.

O primeiro estranhamento que temos quando lemos o texto de Anselmo Lorenzo, é sua maneira de estabelecer a relação indivíduo e sociedade. Argumentando que não devemos, em nossa análise, privilegiar somente o indivíduo ou a sociedade, utiliza-se de um arcabouço extremamente cientificista. Nos dias de hoje, por conta do ranço acadêmico acerca da visão positivista da ciência, o axioma apresentado por Anselmo Lorenzo nos parece démodé.

Claro, depois das promessas não cumpridas pela Ciência, onde o Progresso e a Civilização haviam se comprometido em nos dar mais conforto, mais segurança, mais saúde, mais, mais e mais... a Ciência parece algo difícil de se acreditar. Todavia, quando Anselmo Lorenzo reivindica a ciência como ponto de vista, temos que ter como foco de nossa atenção a perspectiva contra qual combatia e o que estava propondo. Como já dito, Lorenzo rechaçava a perspectiva religiosa por conta de seu poder ideológico e econômico, mas também por sua moral, intrinsecamente individualista. Por outro lado, quando colocava a perspectiva científica, mais precisamente uma ciência de tipo

evolutiva kropotkiniana,⁴ Anselmo Lorenzo buscava fazer com que o leitor se atentasse para a relação entre indivíduo e sociedade e não a sobreposição de um sobre outro.

É por essa perspectiva científica do mundo que Anselmo Lorenzo chega à conclusão de que a separação entre indivíduo e sociedade fosse impossível, e que se fosse realizada só a poderia ser feita pela abstração. Essa conclusão muito nos é semelhante com a colocação feita pelo sociólogo Pierre Bourdieu quase 70 anos depois, uma vez que a oposição entre indivíduo e sociedade é cientificamente absurda (BOURDIEU, 1996).

Outro estranhamento quando da leitura do texto de Anselmo Lorenzo é propriamente a visão que tinha acerca do indivíduo. Olhando num primeiro momento percebemos que a confiança que tem nesse indivíduo ganha contornos que lhe confere uma consciência dos processos do qual passa de forma muito exacerbada. Pois é justamente através dessa consciência que homens e mulheres irão se libertar dos antigos preconceitos e construirão o mundo novo. No entanto, hoje sabemos que esse ser humano plenamente consciente de suas capacidades cognitivas não existe. Hoje sabemos que o indivíduo é extremamente limitado em suas análises, primeiro com Copérnico, acerca dos apontamentos que fez da Terra como centro do universo, depois com Darwin em suas análises sobre a própria espécie humana e, finalmente, com Freud quando nos mostrou que o próprio indivíduo desconhece a si mesmo, pois nele mesmo habitam desejos e vontades inconscientes e incontroláveis. Sabemos, inclusive, que mesmo os/as anarquistas, sujeitos que buscam construir um mundo novo, são, da mesma forma, fruto da sociedade que procuram destruir, carregando em si as tradições, contradições e os preconceitos dessa mesma sociedade.

Entretanto, temos que nos esforçar e buscar compreender qual seria a função dos escritos de Anselmo Lorenzo. Pelo fato do texto ter sido escrito para uma revista anarquista de grande circulação no meio operário e livre pensador, podemos supor que o

⁴ Foi o anarquista Piotr Kropotkin que formulou a ideia de *Ajuda Mutua* como um dos fatores evolutivos das espécies animais e humanas. Esta assertiva, constatada através da observação de animais da região da Sibéria e de seus estudos históricos, fez Kropotkin concluir que a Ajuda Mutua, ou a solidariedade, é um elemento constituinte do processo de humanização, estendendo tal elemento na construção ética e moral de algumas culturas. Segundo o próprio Kropotkin, “(...) amor, a simpatia e o altruísmo por certo desempenham papel crucial no desenvolvimento progressivo de nossos sentimentos morais. Mas não é no amor, e nem mesmo na simpatia, que a sociedade se baseia. É na percepção – mesmo que apenas no estágio do instinto – da solidariedade humana. É o reconhecimento inconsciente da força que cada homem obtém da prática da ajuda mútua; da íntima dependência que a felicidade de cada um tem da felicidade de todos; e do senso de justiça ou de equidade que leva o indivíduo a considerar os direitos de todos os outros indivíduos iguais aos seus. É sobre esse alicerce amplo e necessário que se desenvolvem os sentimentos morais mais elevados” (KROPOTKIN, 2009:15).

texto de Lorenzo não tinha somente finalidades científicas. O que buscava era fundamentalmente propagar a ideia de que as pessoas, homens ou mulheres, são capazes de construir seu próprio futuro. Que podem conduzir os processos sociais sem serem tutelados pelo poder do Estado, da Igreja ou de patrões. Tal confiança nos indivíduos servia de estímulo às pessoas porem-se à luta, destruindo a antiga sociedade e construindo novas relações, calcadas na liberdade, igualdade e solidariedade. Tais assertivas me parece que mesmo contendo em si o peso do tempo que carrega, permanecem atuais na medida em que agora possui consciência de nossas próprias limitações enquanto indivíduo e, inclusive, sociedade. Construir um mundo diferente deste em que vivemos, pautados por aquela liberdade pregada tanto por Bakunin quanto por Lorenzo ainda é possível mesmo que não sejamos capazes de controlar todas as variáveis que dimensionam as questões sociais. Hoje acredito que seja justamente pelo não controle dessas variáveis, pela incerteza dos processos de construção social, que a liberdade no sentido anarquista pode ser estabelecida, pois a construção de uma sociedade feita por todos aqueles que a desejam construí-la coletivamente, *de baixo para cima*, ou seja, sem hierarquias, inviabiliza a ideia de uma sociedade sem lugar e de uma ideia etapista de transformação social. O que se coloca, em verdade, é a possibilidade de construção de um processo de transformação social entendendo todas nossas limitações individuais e sociais. E que dentro desse processo ocorrerá a desconstrução daquelas tradições e preconceitos da sociedade que se está destruindo na construção de uma nova.

Acredito que os limites das reflexões de Anselmo Lorenzo sobre a relação indivíduo e sociedade são limites que se localizam dentro dos próprios limites de seu tempo. No entanto, não podemos perder de vista que as reflexões que conseguimos ter hoje e as críticas que fazemos aos “clássicos” só são possíveis porque esses mesmos “clássicos” tiveram a ousadia e coragem de pronunciar suas reflexões em seu tempo. Muitas vezes pensamos que o olhar contemporâneo, já carregado das experiências anteriores, excede e muito as reflexões que foram feitas no passado. Se entendermos o sujeito contemporâneo como

(...) aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro. Todos os tempos são, para quem deles experimenta contemporaneidade, obscuros. Contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente. (AGAMBEN, 2009)

Quando lemos os “clássicos” do anarquismo de maneira desatenta, podemos, a princípio, considerá-los ultrapassados e fadados a ficarem presos aos pressupostos e convenções de suas épocas. No entanto, quando os lemos com maior cuidado e atenção, notamos que esses mesmos “clássicos” foram, e continuam sendo, contemporâneos que perceberam o obscuro e a escuridão de seu tempo. Ao lê-los conseguimos enxergar quais foram as luzes que os cegaram, mas também conseguimos notar quais foram as trevas que iluminam a cegueira de nosso tempo.

(...) Perceber no escuro do presente essa luz que procura alcançar e não pode fazê-lo, isso significa ser contemporâneo. Por isso os contemporâneos são raros. E por isso ser contemporâneo é, antes de tudo, uma questão de coragem: porque significa ser capaz de não apenas manter fixo o olhar no escuro da época, mas também de perceber nesse escuro uma luz que, dirigida para nós, distancia-se infinitamente de nós. (AGAMBEN, 2009)

BIBLIOGRAFIA

AGAMBEN, Giogrio. O que é contemporâneo? e outros ensaios. Chapecó, Santa Catarina, Editora Argos, 2009.

BAKUNIN, Mikhail. Deus e o Estado. São Paulo, Editora Cortez, Tradução: Plínio A. Coelho, 1988.

BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica in Razões Práticas, Campinas-SP, Editora Papyrus, 1996.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. Estudos sobre o desenvolvimento humano no século XIX: Da biologia à psicogenia, Cadernos de Pesquisa, v.38, nº134, maio/ago 2008.

KROPOTKIN, Piotr. Ajuda Mútua, um fator evolutivo, São Sebastião, Editora A Senhora, 2009.

_____. A Anarquia, sua filosofia, seu ideal, São Paulo, Editora Imaginário, 2001.

FUNDACIÓN ANSELMO LORENZO, Anselmo Lorenzo o El Proletariado Militante (<http://fal.cnt.es/?q=node/4832>).

LORENZO, Anselmo. Indivíduo e coletividad, Revista Blanca, nº 128, 1903.